

## **libertários: educação da solidariedade e educação da revolta**

**Adelaide Gonçalves e Allyson Bruno \***

No seio do movimento libertário que, no Brasil, alcançou sua maior expressão social entre o final do século XIX e as décadas iniciais do século XX, a preocupação com as práticas educacionais enquanto armas para a transformação da sociedade foi uma constante. Bem claro estava para os militantes que passavam a atuar de forma crescente nas lutas operárias, buscando para estas características essencialmente libertárias, que a consecução das modificações no quadro de vida que experimentavam os trabalhadores dependia da formação de espíritos conscientes desta situação e comprometidos com a sua superação. Mais ainda, a formação dessas consciências libertárias, desses “espíritos

\* Doutora em História Social pela UFSC e professora no Departamento de História da UFC.

Mestre em História Social pela UFC e professor no Departamento de História da UECE.

livres”, seria a garantia de que essas transformações e conquistas estivessem a serviço dos trabalhadores.

Nos estudos sobre a presença de idéias e práticas anarquistas no Brasil, a faceta mais contemplada dessa demanda em torno de uma educação comprometida com a superação da ordem social vigente, é aquela associada com a fundação das chamadas escolas racionalistas ou modernas, fruto da divulgação e aplicação das idéias de educadores libertários como Francisco Ferrer, Paul Robin, Sebastián Faure, entre outros<sup>1</sup>. Em estudos que privilegiaram comumente o espaço do eixo centro-sul, foram abordadas, por exemplo, as trajetórias das Escolas Modernas em São Paulo e da Universidade Popular de Ensino Livre, no Rio de Janeiro, com ênfase nos seus programas, funcionamento e a repressão que sofreram por parte da ordem estabelecida.

Há, entretanto, um sentido mais amplo da educação, que muito marcou o discurso dos militantes libertários que animavam o associativismo dos trabalhadores no contexto da virada para o século passado, em que se faziam sentir a urbanização e a industrialização nascentes, imersas no quadro da “modernização” das principais cidades brasileiras. Esse sentido, veiculado principalmente por meio da imprensa operária, traduzia-se na premissa de que a ignorância era um dos principais obstáculos à emancipação dos trabalhadores, e que a instrução poderia levá-los a compreensão dos males que os afligiam.

A “instrução que redime” era estimulada através de variados meios. Além da proposta de abertura de escolas voltadas aos operários, lutava-se pela organização de outros espaços que poderiam servir à superação da ignorância e da conseqüente letargia que grassavam entre os trabalhadores, tais como, os sindicatos, os grupos editores, os círculos de leitura e bibliotecas voltadas ao estudo das “questões sociais”.

No Ceará, os periódicos *Voz do Gráfico* (1920-1922) e *O Combate* (1921) são os representantes locais de uma imprensa que expressa uma visão de socialismo libertário constituída a partir do pensamento de Pierre-Joseph Proudhon, Mikhail Bakunin, Piotr Kropotkin, mas também das idéias sindicalistas revolucionárias de Émile Pouget e Fernand Pelloutier que, na França, deram origem ao que viria a ficar conhecido como anarco-sindicalismo<sup>2</sup>. O desenvolvimento dessas idéias no Ceará ocorre no contexto das mudanças provocadas pela divulgação das novas idéias progressistas, vindas diretamente da Europa, ou através de cidades como Recife e Rio de Janeiro.

Nas páginas de ambos os periódicos, ligados ao associativismo dos trabalhadores gráficos, é freqüente o apelo à educação a cuja expansão estava subordinada a vulgarização dos ideais libertários e a transformação social como almejavam.

Na imprensa dos gráficos, a concepção de educação revestida de um sentido mais abrangente que o de instrução, capturando inclusive um certo tom milenarista de missão, é o suporte fundamental para grande parte das construções discursivas que associam a ausência de educação à desunião e à ignorância. Entendem alguns militantes operários que a união tem como lastro a vivência prática da solidariedade e que esta, por advir dos conteúdos da experiência, liga-se ao tempo da aprendizagem e de sua internalização, construindo um conjunto de valores éticos que devem cimentar as práticas da classe. Este é o vocabulário do gráfico Pedro Augusto Motta<sup>3</sup>, em 1920, exortando os operários cearenses à união: “Mais que a ignorância, a desunião, concorre para a nossa miséria, porque desvaloriza o nosso trabalho, a nossa família e o nosso caráter, porque nos reduz a mercadorias expostas a quem mais der (...).”<sup>4</sup>

Para Pedro Augusto Motta, o estado de miséria e exploração a que se encontra submetido o operariado resulta da situação objetiva criada por um regime desigual. O combate a esse regime requer, segundo ele, a criação de liames formais de união e organização, como o sindicato de resistência. A essa via organizativa se interpõe um obstáculo, a ignorância. Este discurso, veiculado no *Voz do Graphico*, em 1920, é ilustrativo da formulação dos conteúdos da *revolta* mediados pelo combate à ignorância:

“Operários cearenses, brasileiros, universais, unamos-nos. Estudemos a nossa situação, o estado de nossa família, a miséria que nos assoberba, os vícios que nos entibiam o organismo, principalmente a ignorância que é o maior dos nossos males, a causa da nossa dor, e dos nossos infortúnios!

E depois, quando tudo isso tivermos feito, quando sentirmos em nossa consciência o vislumbrar das idéias que se nos despertam, (...) então saberemos sentir o que somos e o que valemos, (...) o gérmen purificador do nosso espírito, até ontem adormecido na embriaguez da ignorância, no enervamento da nossa consciência, é a revolta, a revolta indomável que existe latente em todos os indivíduos e, que, adormecida despertará um dia para tornar o homem capaz de viver e pronto para lutar.”<sup>5</sup>

Embora o maior volume de argumentos tome a ignorância como uma espécie de “mal de origem” para o estado de apatia e indiferença ante às exigências das lutas sociais, aparecem argumentos situando o problema da ignorância (como falta de instrução) como iniquidade decorrente do regime social vigente. No *Voz do Graphico*, em 1920, a formulação mais usual é de que em razão “de toda a riqueza social correr fatalmente para os cofres da minoria dominante”, mais aumenta a fome, a miséria e a “ignorância campeia triunfante nos arrai-

ais das inteligências novéis, cultiváveis e prometedoras”.<sup>6</sup>

Partindo do dito popular “que homem desinteligente e ignorante nunca poderá sair da miséria” e que é essa a razão que os torna em seu meio “considerados como fósforos queimados”, o *Voz do Graphico* argumenta junto ao seu público leitor que:

“Assim sendo, instruamo-nos o quanto antes. Hoje mesmo, quando chegarmos em nossa casa, depois de manjar o nosso feijão, devemos procurar as escolas, noturnas ou diurnas, para educar e instruir o nosso espírito, a nossa consciência (...). Nada mais triste e vergonhoso do que um operário ignorante. Senão vejamos: sou operário, (...) adoço, preciso fazer uma carta (...), mas acontece que eu não sei ler (...) e tenho que recorrer a estranhos – é triste e vergonhoso, não achas camarada?”<sup>7</sup>

Tratando em seus artigos do que localizam como sendo os males da desorganização operária, assestam as críticas à indiferença, pois que “Aos indiferentes Dante recusou o próprio inferno”, ao mesmo tempo em que situam o problema da ignorância não apenas como decorrência da pouca instrução, mas como fenômeno existente mesmo entre os ofícios considerados mais cultos. Esta apreciação sobre os gráficos de Fortaleza revela tal entendimento:

“(...) Não é de hoje que afirmamos ser a desorganização existente no seio das classes trabalhadoras a causa direta da presente situação e miséria em que se debatem.

Não somente a desorganização, mas também a desunião e ignorância que, infelizmente, suplantam e concorrem bastante para o indiferentismo em que aquela se encontra, dentro mesmo das classes que já tem as suas organizações.

E a verdade deste cruel abandono em que vivemos (...) temos no meio da nossa própria classe, considerada, talvez, a mais culta dentre todas as outras genuinamente operárias.”<sup>8</sup>

Se a formulação do jornal como *a escola do pobre* é recorrente, não menos enfática é a identificação do *sindicato como escola*. Na imprensa cearense de orientação libertária tal formulação é evidente. Quando como exemplo se traz à discussão o sindicato de resistência como campo de organização anticapitalista em contraponto às práticas beneficentes, o modo considerado mais eficaz para explicar a função do sindicato é apresentá-lo como equivalente à escola, ampliando seu sentido e função social, como neste artigo de José Mathias de Azevedo, em que fica clara a noção de escola como lugar possível de construção de novas sociabilidades pautadas na solidariedade, apoio mútuo, igualdade e comunidade de interesses:

“O sindicato é a ESCOLA e o recreio do operário e de sua família; ali ele aprende a ler e ensina aos companheiros que desejam aprender; ali ele aprende a estimar o seu semelhante e irmão, dando assim um passo em prol do sentimento de igualdade; ali ele conhece que o interesse do trabalhador é um só em toda parte; ali ele aprende a ser homem de verdade (...) ali ele aprende a organizar, a produzir e distribuir equitativamente o bem comum segundo as necessidades de cada um.”<sup>9</sup>

Sílvia Petersen, adotando o estudo de Eric Hobsbawn sobre o sindicalismo nesse período, caracterizado como lugar de prática social e política onde se combinava uma atitude (denegação do presente e crença no futuro), uma técnica (a militância), uma estratégia (as greves) e uma esperança (prefiguração de um novo mundo), ressalta o mosaico associativo das primeiras décadas do século XX, onde as escolas, a imprensa, as conferências doutrinárias, o esforço pedagógico se contrapõem à cultura

dominante. Eis aí o momento e os mecanismos que implicavam um tipo humano que era, ao mesmo tempo, agitador, pedagogo, jornalista, dramaturgo, profeta e animador cultural. O sindicato foi a escola possível de realização dessas múltiplas práticas e de surgimento desses sujeitos sociais<sup>10</sup>.

Veja-se que os jornais das associações gráficas, aqui apresentados, de certo modo, repercutem e recriam as teses correntes na imprensa dos trabalhadores de outros estados. Em *A Voz do Trabalhador* (RJ) são vários os articulistas que discutem a importância da organização e união operárias, sendo o sindicato o lugar por excelência onde se faz a propaganda do apoio mútuo, onde se reforçam as reivindicações em torno das necessidades materiais, onde se apuram as responsabilidades dos sofrimentos individuais e coletivos e sobretudo onde se realiza a tarefa de educação moral dos operários. Por educação moral entendem o reforço aos atributos de dignidade e solidariedade. Para eles, o moderno operariado em seus grandes contingentes é capaz de gestar uma comunidade de interesses, fazendo nascer a solidariedade, que “pode crescer, ganhar força, fazer diminuir ou fazer desaparecer o sentimento de medo, muito freqüente nos isolados”. Este tipo de educação, para eles, deve realizar-se “pelo exemplo e pelo contágio que dele resulta: aprendem, afoitam-se a não curvar a cabeça, a não ter medo”. Por fim, apontam o exemplo das greves como prática da solidariedade e da revolta, sendo elas por isso “ainda que parciais, (...) úteis e necessárias para a educação da solidariedade e para a educação da revolta”.<sup>11</sup>

No Ceará, a imprensa de matriz socialista libertária considerava que a apatia, a indiferença dos trabalhadores frente aos constantes apelos organizativos decorria, em grande medida, do analfabetismo, da ignorância, instalados no meio operário. Vencidos estes *grandes*

*males*, estariam sendo preparadas em bases mais sólidas a luta reivindicatória, e poder-se-ia superar o quadro de dificuldades para a consecução da tarefa de organização da classe, a partir da constatação de que é necessário promover uma educação integral

“que capacite aos seres humanos para desempenhar funções úteis à sociedade; a proscrição de todas as superstições e dogmatismos no ensino e a defesa ampla da liberdade de pensar em todas as suas manifestações orais e escritas ou representativas.”<sup>12</sup>

É preciso entender que a formulação acerca da necessidade de instrução, nesta vertente libertária, visava propor mecanismos educacionais não apenas para que o trabalhador tivesse contato com os rudimentos elementares da escrita e da leitura. Sua proposta, de caráter mais abrangente, buscava precipuamente aliar os resultados da educação à possibilidade de compreensão da origem dos sofrimentos dos operários, na perspectiva do entendimento dos projetos emancipatórios. São incontáveis os depoimentos reveladores deste tipo de formulação. Transcreve-se aqui o de José Bernardo, por conter uma espécie de *esboço programático* mais geral acerca da concepção de educação enfeixada no dístico *Instruir para Redimir* como recurso finalístico e estratégico na organização da classe:

“Para mim, trabalhador manual é sujeito às vicissitudes estafantes do ofício, nada maior como obstáculo à compreensão dos ideais libertários pela massa escravizada ao salário e ao patrão, do que a falta de instrução.

(...) Sem instrução não pode haver compreensão nítida do ideal libertário.

Abraçar uma idéia sem conhecê-la a fundo, é afirmar uma causa que não se sabe o efeito.

Para que se saiba compreender a origem dos nossos sofrimentos e seus efeitos, necessário se faz que tenhamos instrução clara, racional.

(...) Urge, pois, que criemos as nossas escolas para salvaguardarmos a parte maior do proletariado adulto e a totalidade dos pequenos operários, se quisermos triunfar futuramente.

Instrução! deve ser o nosso brado, a nossa divisa, INSTRUIR PARA REDIMIR!”<sup>13</sup>

A falta de instrução, o analfabetismo, a dificuldade de acesso à escola constituíam, a seu juízo, resistentes obstáculos à propagação das idéias libertárias e socialistas. Para a ultrapassagem desse quadro se impunha a criação de variadas formas de *educação da classe*, a partir da idéia nuclear de que

“devemos nos aprestar, unindo-nos e instruindo-nos na Biblioteca de Livros produzidos por trabalhadores e sábios sociólogos, nossos amigos de fato, para arrebatarmos o nosso lugar, que deve ser de destaque na administração da nação, destes que nos desprezam e nos exploram sem piedade e sem compostura.”<sup>14</sup>

Considerando ser diminuto, em Fortaleza, o número de estabelecimentos educacionais públicos, somado ainda ao fato de que a escola formal não fazia parte de sua vida, dado que a família operária — homens, mulheres, crianças — desde logo era instada ao trabalho para prover o básico de sua existência, assim manifestavam sua crítica/denúncia:

“O filho do operário quando chega à idade de ir para a escola, mandam-no para a oficina: em vez do livro, dão-lhe a ferramenta do ofício. É mais uma vítima que vai ser devorada pelo Moloch do capitalismo implacável, (...) é se ver pelas fabricas, crianças pálidas, linfáticas, minadas de clorose, organismos que se preparam para a tuberculose, (...).

A culpa maior, (...) cabe aqueles que nunca pensaram em melhorar-lhes a sorte, proibindo a exploração torpe das crianças atiradas nas fábricas em vez de estarem na escola, no templo suntuoso e augusto em que o saber, numa onda luminosa e fluente, derrama sobre os cérebros, a luz grandiosa da instrução preparando-os para se erguerem fortes e indômitos, prontos a se baterem, de frente erguida, pelos ideais sublimes das grandes causas libertárias.”<sup>15</sup>

A constituição de círculos de leitura em torno dos jornais foi decisiva no esforço de congregação dos militantes, na tessitura de vínculos entre distintas regiões do país e instrumento de fundamental importância no processo de auto-educação do proletariado. Para que se dimensionasse seu grau de significação, veja-se, em parte, o *Projeto de bases de acordo para formação de núcleos libertários*, que informou a ação de Moacir Caminha, José Mathias, Ernesto Brasil, Pedro Augusto Motta, Francisco Falcão, José Bernardo, Eurico Pinto, entre outros, criando em Fortaleza o Grupo Libertário de Amigos d'A *Plebe*, em 1921. O Projeto definia como princípio central a necessidade de formação, consagrado pela auto-educação e “recíproca influência cultural dos seus membros a mais firme e maior capacitação de todos e de cada um dos seus componentes”. A necessidade de formação individual visava converter o pequeno núcleo em centro de irradiação de “uma intensa e perseverante propaganda tendente à elevação intelectual e moral dos trabalhadores”. Para eles, a estratégia de auto-educação formadora de *espíritos livres* era condição indispensável para promover a luta anticapitalista. A eficácia de tal estratégia, cujo objetivo era o advento de “uma sociedade harmônica e solidária edificada pela livre inteligência dos produtores”, requeria a propagação incessante “pela palavra, pela escrita e pela associ-

ação de vontade, na luta contra as instituições do Estado e contra as rapinas do capital”.

Apresentados os princípios de formação dos núcleos militantes, o enunciado de seus fins recupera os atributos da união, da afinidade ideológica e dos laços de solidariedade como signos de coesão, destacando os elementos indispensáveis à circulação das palavras de combate. A divulgação dos jornais, livros e folhetos ocupa lugar central, associada às reuniões, conferências, atos de protesto, devendo “quando possível, fundar uma biblioteca de estudos sociais, entrando em relações com os grupos, centros operários, jornais, etc., no sentido de obter os meios necessários a esse fim.”<sup>16</sup>

Todo esse conjunto de atividades era secundado por outro, objetivando cumprir a tarefa de *instruir para redimir*, o que se fazia de forma constante, através da realização de palestras, conferências, cursos e da adaptação, ao teatro, da literatura social produzida no meio operário ou que sobre ele tematizasse. Vão, pouco a pouco, tentando constituir espaços de diferenciação da cultura dominante e até mesmo em relação aos grupos com atuação no meio operário, em particular com as sociedades beneficentes e os círculos operários católicos.

O *Voz do Graphico* (1921) e *O Combate* (1920) veiculam permanentemente convites para conferências e palestras, em Fortaleza e no interior (Sobral, Quixadá e Aracati). O temário abarca desde a discussão de fatos mais ligados ao cotidiano das reivindicações, às pautas de luta por melhores salários, redução da jornada de trabalho, condições dignas de trabalho e moradia, até aqueles assuntos de caráter essencialmente doutrinário. Muitas são as conferências abordando os temas: *O Socialismo e as Sociedades de Resistência ou Sindicatas*, *O Cooperativismo e o parlamentarismo*, *O Papel da mulher na luta operária*, *Os Direitos dos trabalhadores*

*nas fábricas e nas ferrovias, O Valor das sociedades sindicalistas, O Socialismo contemporâneo, O Sindicalismo e a emancipação econômico-social do proletariado, O Papel da imprensa na propaganda social, entre outras.*

Sob os auspícios da Federação dos Trabalhadores do Ceará, a partir de 1920 realizam-se palestras operárias, sendo seu dinamizador o gráfico Pedro Augusto Motta, que aborda uma série de temas ligados ao socialismo e às sociedades de resistência ou sindicalistas, tratando de difundir entre sua audiência as teses libertárias, centradas na virtualidade da organização sindical como contraponto aos apelos da política partidária. Registre-se que neste período o militante gráfico se aproximava cada vez mais da vertente anarquista e do sindicalismo revolucionário, tendo já explicitado suas divergências com o núcleo fundador do Partido Socialista Cearense, de 1919. Parece estar extraíndo das resoluções emanadas da constituição dos núcleos libertários, nos anos 1920, o modo de realização de sua militância:

“Deverá, sempre que possa, promover a organização dos trabalhadores em sindicatos de ofícios vários, e tomará parte direta nas organizações de outras tendências, quer sejam reformistas, sindicalistas ou beneficentes, procurando fazer com que as mesmas se orientem pelos métodos de ação direta na luta contra o Estado e o Capital.”<sup>17</sup>

Ora são os militantes gráficos envolvidos na criação dos sindicatos de resistência, ora são os dirigentes da União Geral dos Trabalhadores Cearenses, depois Federação dos Trabalhadores do Ceará, como ainda alguns conhecidos professores de Fortaleza que estreitam laços de colaboração com as entidades operárias, inclusive criticando seus pares que, segundo eles, dispõem de discernimento intelectual e compreendem as mazelas do seu tempo gestadas pelo capitalismo e não firmam compromissos de difusão das teses anti-capita-

listas no meio operário. Um destes é o professor Paula Achilles que, oferecendo seus préstimos para a fundação de uma escola operária, em meio a uma anunciada “numerosa assistência de trabalhadores”, fazia uma conferência sobre o Socialismo Contemporâneo. Ao abordar o tema tratava de fazer a crítica aos intelectuais que “apesar de conhecerem a questão social, as grandes verdades do Socialismo e as grandes misérias do regime atual, não tem a devida hombridade de revelar ou propagar esses conhecimentos e preferem acompanhar a turba dos exploradores.”<sup>18</sup>

Ao mesmo tempo reafirmava a necessidade de adotar mecanismos que favorecessem a educação operária para que “a consciência de todos e a união de vistas entre todos sejam os meios de ação dos trabalhadores”. Na qualidade de professor, defendia a instalação de escolas para trabalhadores como um caminho para o fortalecimento dos laços de união e solidariedade, para ele imprescindíveis na tarefa de organização da classe.<sup>19</sup>

Veza em quando aparece nos jornais um camarada pedreiro, alfaiate, barbeiro, que embora não nominado, está falando sobre os temas em voga no seu meio. Certamente não são anônimos e compuseram com tantos outros esta lista de intérpretes, tradutores e elaboradores do pensamento e das lutas sociais no Ceará, nas primeiras décadas do século XX.

Nos modestos salões das entidades operárias de Fortaleza e do interior do Ceará — na Associação Graphica do Ceará, União dos Ferroviários Cearenses, Escola Operária Secundária, Sociedade Beneficente Centro dos Carroceiros, Federação dos Trabalhadores do Ceará, Sindicato dos Carpinteiros, Sindicato dos Operários Ferroviários de Sobral, Aliança Artística e Proletária de Quixadá —, alguns conferencistas foram os responsáveis diretos pela difusão das idéias socialistas gestadas no século XIX.

Ressalte-se aqui a função das conferências como uma das modalidades de *leitura comentada*. No caso da imprensa dos trabalhadores é razoável situar essa prática como herdeira da tradição do *lector*; as conferências realizadas nos salões das entidades operárias e os discursos em suas assembléias e atos de protesto ou celebração são elementos de difusão da palavra impressa. Através dos conferencistas que traduzem e adaptam as realidades do seu meio às teses correntes, os não alfabetizados têm acesso à palavra impressa. Veja-se ainda que a metodologia das conferências, quase sempre seguidas de debates, guarda relação com o dispositivo das *leituras comentadas* da experiência portenha, referida por Dora Barrancos. Elas também funcionaram como mecanismo de propaganda e educação, propiciaram o debate e constituíram momentos de socialização do repertório de autores e temas da tradição socialista, além de favorecerem o conagraçamento e a manifestação de laços de camaradagem, em si um ato comunicativo<sup>20</sup>.

Além das conferências, publicam traduções de artigos seccionados em várias edições, como os de Émile Pouget, Émile Costa<sup>21</sup>, Piotr Kropotkin e Maximo Gorki, ao lado dos intelectuais franceses reunidos na revista *Clarté*<sup>22</sup>, ressaltando a tese por ela difundida no que se refere à ordem moral e à necessidade de educação integral aos indivíduos.

Através das traduções publicadas nos jornais e das listas de livros recomendadas em sua imprensa é possível pensar o conteúdo das bibliotecas básicas que começam a existir em alguns sindicatos. Neste ponto, são pertinentes as observações de Martyn Lyons. Em seu estudo sobre as seleções de livros de trabalhadores franceses para sua *bibliothèque populaire* ou *bibliothèque démocratique*, observa que eles escapam às tentativas de controle dos *notables* da cidade e da *élite* religiosa, incluindo os livros de Voltaire, Rousseau, George Sand,

Eugène Sue, Infantin, Louis Blanc, Fourier e Proudhon, indicativo do esforço dos leitores operários na formação de “uma cultura literária própria, livre do controle da burguesia, do catolicismo ou da burocracia”.<sup>23</sup>

A divulgação das listas de livros e a formação de bibliotecas decorrem em grande medida dos índices recolhidos através do intercâmbio ainda que precário de informações, com o que consideravam “centros mais adiantados”. Buscavam, sem intervalos, o contato com os grupos editores de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Portugal, realizando o intercâmbio com o que consideravam sua contraparte metropolitana. Tentavam difundir os escritos e os ecos das lutas travadas nos centros considerados mais avançados, procurando superar as distâncias e as debilidades organizativas. Vencendo o problema das grandes distâncias, a circulação irregular das publicações e outras dificuldades, aqui e ali noticiam o não recebimento de alguns jornais de outros estados, denunciando tal fato como decorrendo da apreensão, pelo serviço local dos correios em Fortaleza, dos jornais operários enviados.

Salientando que a ignorância está na base de todos os padecimentos dos trabalhadores, a argumentação do *Voz do Graphico* é construída de modo a que os leitores/trabalhadores percebam que seu estado de miséria, salários aviltados, confisco de direitos elementares pode ser transformado, desde que estejam municiados da inteligibilidade do mundo e compreendam as raízes geradoras de tal quadro. Afirmam que a fonte de poder na sociedade de seu tempo reside na concentração do capital e na apropriação do saber para fins da dominação, localizando aí um elemento a mais que justifica a necessidade de cultivar o espírito, para empreender a luta emancipatória. Tal é sua formulação:

“Na sociedade presente existem duas cousas que dominam o mundo: uma é o ouro; outra a inteligência.

E já que não possuímos o ouro presentemente, é preciso cultivarmos a inteligência, porque o resultado desta imbecilidade é ficarmos reduzidos a um estado de mendicância tal que nos há de causar dó, e com espírito culto, iluminado pela instrução, saberemos lutar, saberemos vencer.

Cultivemos pois o nosso espírito, e esta miséria que reina em nosso meio há de desaparecer, há de sucumbir!.

(...) e como a conseqüência desses males que nos corrompem e nos degeneram é a falta absoluta de instrução e especialmente de união, instruamo-nos e unamo-nos!

Instruamo-nos sim, porque instruídos saberemos repelir os males que nos afetam, conseqüência direta da ignorância reinante em nosso meio e que nos assoberba e nos asfixia!

Unamo-nos, sim, porque unidos poderemos exigir os nossos direitos, conquistar as nossas reivindicações!

À Escola, à Sociedade, pois, camaradas!"<sup>24</sup>

O chamamento reiterado n'*A Voz do Graphico*, *À Escola, à Sociedade, pois, camaradas!*, indica o alargamento da concepção de educação. A escola, espaço formal de apropriação de saberes, é requerida, mas não substitui a escola do sindicato, das greves, dos jornais. Como ainda, a educação como formação do ser moral, na expressão de Kropotkin, é buscada através das memórias, ritos, símbolos e alegorias que vão se inscrevendo no campo das tradições operárias.

Os conteúdos de formação e ampliação social da propaganda tiveram no jornal um significativo espaço. É a imprensa que vai se constituir não apenas no lugar de circulação de idéias, mas no espaço de aglutinação de homens e mulheres. Ao criarem seus jornais, estavam também forjando uma experiência de (in)formação alternativa ou contraposta à imprensa burguesa. Ao atri-

buírem à educação a função de formação de *consciências libertárias*, a imprensa pode ser vista como meio eficaz de ampliação dos conteúdos da tradição libertária, pelo seu alcance e por sua característica aglutinadora; onde “os pequenos grupos gravitavam em torno de um núcleo de atração”, posto que “a imprensa teve em quase toda a história do anarquismo um papel capital como agente de ligação”<sup>25</sup>. Quantos jornais começam em minúsculas salas que passam a ter as múltiplas funções: de redação, círculos de leituras, seções de teatro, ou, como descreve Jean Maitron, “a sala do grupo é o lugar de passagem onde cada um fala à vontade, lugar de educação e não de ação”<sup>26</sup>. A adesão ao socialismo libertário certamente encontrou no jornal sua maior inspiração, porque mais difundido. Passando de mão-em-mão, deixado no bonde para o acesso de outros. Lido, relido e conservado, colaborou no sentido da formação e educação militantes.

A leitura dos clássicos do pensamento libertário, a formação de círculos de cultura, a organização de bibliotecas do pensamento social, as traduções, o rastreamento de estudos com vistas a organizar um pioneiro índice da história operária e dos movimentos sociais no Brasil, o apego à matéria das memórias exemplares, a disseminação dos ritos e símbolos da luta social, como já referido, se constituem em estratégias no meio operário, como prática da educação libertária<sup>27</sup>. Aqui entendida como aquela advinda das teorias educacionais e experiências educativas baseadas na liberdade, solidariedade e autogestão entre indivíduos e grupos, com vistas a sua autoformação e autonomia<sup>28</sup>.

O jornal, o opúsculo lido em voz alta e o livro são artefatos que ampliam o horizonte do mundo vivido. Passo seguinte é a Escola. O Sindicato de resistência já é uma escola. As greves são argumento de educação da solidariedade e da revolta. A luta pela jornada de oito

horas é outro exemplo que carrega forte sentido pedagógico. Em muitos escritos de militantes socialistas, nas primeiras décadas do século XX, é evidente o sentido conferido à luta pelas oito horas “como uma escola, na qual o proletariado faria sua aprendizagem da revolução social”. O estudo de Josué P. Silva apresenta vários indícios confirmadores de que “a conquista da jornada de oito horas não é a jornada curta em si, mas a função pedagógica da ação operária, o aprendizado que esta ação possibilita aos trabalhadores”<sup>429</sup>.

O Teatro também é escola de representação de suas práticas sociais. Os hinos e a poesia repercutem marselesas e novas bastilhas<sup>30</sup>. A literatura social fala de andrajos e farrapos que um dia foram homens e mulheres. As comemorações e os protestos de Primeiro de Maio são outra escola de reinvenção das tradições. O exemplo dos “sábios e grandes pensadores”, entre os quais Ferrer, é modelo para sua ação. Das conferências de seus divulgadores no Brasil e dos artigos que circulam nos jornais e revistas surgem as idéias de formação das primeiras *escolas modernas*. No Rio Grande do Sul, em São Paulo, no Rio de Janeiro são vários os exemplos. No Ceará, a semente brota com as escolas Renascença e Humanidade Nova<sup>31</sup>.

Ressalte-se que, desde sua fundação, a União Geral dos Trabalhadores fixa como diretriz organizativa fundamental “propagar a instrução literária e científica e o aperfeiçoamento profissional do trabalhador cearense”. Nesta linha, em fevereiro de 1921 a União dos Operários Ferroviários Cearenses comunica, através das páginas de *Voz do Graphico*, a fundação de uma Escola Noturna, em sua sede na rua Santa Isabel, “para educação sua e de seus filhos”. A criação da Escola é justificada nestes termos pelos dirigentes da União dos Ferroviários Cearenses:

“(...) Este acontecimento, para nós de suma relevância, vem patentear mais uma vez que o homem do trabalho já se convenceu de que só pelo estudo, só pela educação moral, intelectual e social poderá chegar ao pináculo da posição que lhe assiste no seio da sociedade; só aperfeiçoando o seu espírito científico e racionalmente, tendo por norma a base de ensino da Escola Moderna, de Ferrer, poderemos chegar ao ponto de desfrutar sobre a terra o que aspiramos para a humanidade: liberdade, igualdade e fraternidade. Enquanto não, viveremos sempre escravos, porque a ignorância é uma espécie de escravidão para o nosso espírito, e a liberdade quer luz, quer expansão, quer gênio.

Que os trabalhadores de todos os matizes e todas as escolas sociais encontrem neste exemplo dado pelos camaradas Ferroviários um caminho a delinear no futuro dos seus dias é tudo quanto esperamos, é tudo quanto queremos, é tudo quanto exigimos! ... Esperamos, sim, porque o exemplo é sempre um desejo a manifestar outro desejo; queremos, sim, porque é nosso desejo ver toda a falange dos trabalhadores conscientemente educados nos princípios de uma sociedade perfeita; exigimos sim, porque ao cumprimento do dever não se espera nem se quer que se manifeste quando a inconsciência, a ignorância reina no meio daqueles de quem exigimos.”<sup>32</sup>

Observe-se que o enunciado enfatiza o princípio da liberdade, em contraponto à ignorância, tomada como a “*escravidão do espírito*”. Para o articulista, a base da formação militante estaria na educação moral, intelectual, social e no aperfeiçoamento científico e racional, em suma, recolhendo em Ferrer as idéias-força para seu discurso. Ao jugo da escravidão a arma que se poderia contrapor era a educação da solidariedade/educação da revolta.

## Notas

<sup>1</sup> Ver, por exemplo: Flávio Venâncio Luizetto. *Presença do anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional – 1900/1920*. São Carlos, USP, 1984, tese de doutorado; Paulo Ghiraldelli Jr. *Educação e movimento operário*. São Paulo, Cortez, 1987; Regina Célia Mazoni Jomini. *Uma educação para a solidariedade*. Campinas, Pontes, 1990.

<sup>2</sup> *Voz do Graphico* e *O Combate* estão apresentados em versão integral em Adelaide Gonçalves e Jorge E. Silva. *A imprensa libertária no Ceará, 1908-1922*. São Paulo, Imaginário, 2000.

<sup>3</sup> Pedro Augusto Motta, trabalhador gráfico, foi um dos nomes de maior destaque na militância libertária no Ceará. Participou da fundação da União Geral dos Trabalhadores, em 1920. Foi redator do *Voz do Graphico* e d'*O Combate*. Em São Paulo, em inícios dos anos 1920, é um dos redatores de um dos mais importantes periódicos anarquistas do Brasil, *A Plebe*. Em 1924, foi deportado para a colônia penal da Clevelândia (Oiapoque), juntamente com outros “perigosos anarquistas”, onde faleceu. Mais informações sobre Motta ver: Adelaide Gonçalves e Jorge E. Silva. *A imprensa libertária do Ceará (1908-1922)*. São Paulo, Imaginário, 2000.

<sup>4</sup> *Voz do Graphico*, ano I, nº 1, 25/12/1920. Fortaleza.

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> Ibidem.

<sup>7</sup> *Voz do Graphico*, ano I, nº 7, 12/03/1921. Fortaleza.

<sup>8</sup> *Voz do Graphico*, ano I, nº 14, 26/11/1921. Fortaleza.

<sup>9</sup> *Voz do Graphico*, ano I, nº 1, op. cit. ..

<sup>10</sup> Sílvia Regina Ferraz Petersen. “Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira” in Ângela M. C. Araújo (org). *Trabalho, cultura e cidadania*, op. cit., p. 90.

<sup>11</sup> *A Voz do Trabalhador*, ano VI, nº 23, 15/01/1913. Rio de Janeiro.

<sup>12</sup> *Voz do Graphico*, ano I, nº 14, 26/11/1921. Fortaleza.

<sup>13</sup> *Voz do Graphico*, ano I, nº 3, 30/01/1921. Fortaleza.

<sup>14</sup> *Voz do Graphico*, ano I, nº 12, 29/10/1921. Fortaleza.

<sup>15</sup> Panfleto distribuído pela Associação Graphica do Ceará, transcrito do jornal *A Liberdade*, ano I, 1ª quinzena de set/1918. Rio de Janeiro.

<sup>16</sup> *A Voz do Graphico*, ano I, nº 7, 12/03/1921. Fortaleza.

<sup>17</sup> Idem.

<sup>18</sup> *A Voz do Graphico*, ano I, nº 4, 05/02/1921. Fortaleza.

Libertários: educação de solidariedade e educação de revolta

<sup>19</sup> Idem.

<sup>20</sup> Dora Barrancos. “As ‘leituras comentadas’: um dispositivo para a formação da consciência contestatária entre 1914-1930” in *Cadernos AEL – Anarquismo e anarquistas*, arquivo Edgard Leuenroth/IFCH, n° 8 e 9. Campinas, UNICAMP, 1998, pp. 151-161.

<sup>21</sup> Émile Pouget (1860-1931). Anarquista e sindicalista francês, fundador da CGT e um dos formuladores do sindicalismo revolucionário que influenciou os sindicatos anarco-sindicalistas. Émile Costa (1877-1952). Intelectual, pedagogo e militante libertário português, autor de várias traduções de textos anarquistas e sindicalistas.

<sup>22</sup> O grupo Clarté brasileiro pretendeu ser uma seção brasileira da Liga Internacional para o Triunfo da Causa Internacional, formada em Paris por intelectuais, simpatizantes da Revolução Russa e editores da revista *Clarté*. O grupo brasileiro, formado em 1921, por Nicanor do Nascimento e Maurício de Lacerda, reuniu intelectuais e alguns líderes operários simpatizantes do comunismo, socialistas, ex-anarquistas, mas sem uma grande definição ideológica. Para o estudo da formação do grupo Clarté no Brasil, ver Paulo Sérgio Pinheiro & Michael Hall. “O Grupo Clarté no Brasil: da revolução nos espíritos ao Ministério do Trabalho” in Antônio Arnoni Prado (org). *Libertários no Brasil. memória, lutas, cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1986, pp. 251-287.

<sup>23</sup> Martyn Lyons. “Os Novos leitores do século XIX: mulheres, crianças e operários”. in Guglielmo Cavallo & Roger Chartier. *História da leitura no mundo ocidental II*. São Paulo, Ática, 1999, p. 187.

<sup>24</sup> *A Voz do Graphico*, ano I, n° 11, 16/10/1921. Fortaleza.

<sup>25</sup> Edilene Teresinha Toledo. “Em torno do jornal ‘Amigo do Povo’: os grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século” in *Cadernos AEL – Anarquismo e anarquistas*, arquivo Edgard Leuenroth/IFCH, n° 8 e 9. Campinas, Unicamp, 1998, pp. 89-113.

<sup>26</sup> Jean Maitron. *Le mouvement anarchiste en France*. Paris, FM Fondation, 1983, p. 22.

<sup>27</sup> Sobre as idéias pedagógicas dos pensadores libertários europeus, informando o projeto educacional anarquista, sua difusão e práticas no Brasil, desde o final do século XIX, consultar, entre outros, Leila Floresta de Oliveira. “A Educação libertária: defesa de um ensino racionalista” in *História e Perspectivas*, v. XVI-XVII, jan.-dez. Uberlândia, UFU, 1997, pp.103-119; Leila Floresta de Oliveira. “Educação libertária: reflexões teórico-pedagógicas de Bakunin” in *Cadernos de História*, n° 7. Uberlândia, UFU, 1998, pp. 91-105; Sílvio Gallo. *Pedagogia do risco*. São Paulo, Papirus, 1995; e Wagner Gonçalves Rossi. *Pedagogia do trabalho. Raízes da educação socialista*. São Paulo, Moraes, 1981.

<sup>28</sup> Grande parte dessas experiências resultaram da formulação teórica de Proudhon, Bakunin, Kropotkin, Malatesta e Reclus e da ação de militantes

libertários, em sua crítica às instituições hierarquizadas e autoritárias. As experiências mais destacadas são inspiradas por Paul Robin, Sebastián Faure, Leon Tolstói e Francisco Ferrer. O pensamento libertário teve influência nas reflexões de pensadores e educadores contemporâneos, como Paul Goodman, Herbert Read, Illitch e Neill. Para maiores informações, ver Jorge E. Silva. *Dicionário da anarquia. Idéias e personagens do movimento libertário* (versão preliminar). Florianópolis, Edição do autor, 1999.

<sup>29</sup> Josué Pereira da Silva. *Tempo e trabalho em São Paulo (1906-1932)*. São Paulo, Annablume/FAPESP, 1996, p. 90.

<sup>30</sup> Para um levantamento, em âmbito nacional, da propagação do anarquismo através desses múltiplos suportes, ver: Edgar Rodrigues. *O anarquismo na escola, no teatro e na poesia*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1992.

<sup>31</sup> A escola Humanidade Nova é instalada em dezembro de 1911, por Moacyr Caminha, Boanerges Facó, Francisco Irineu de Araújo Filho, Clóvis Vasconcelos e Valdevino Tabosa Freire. Apresenta-se como sendo voltada “à educação integral do indivíduo, baseada nos métodos experimentais da Pedagogia Moderna”. A escola Renascença era ligada à União Geral dos Trabalhadores, sob a direção de Pedro Augusto Motta. Ambas atestam a circulação em Fortaleza das idéias de Francisco Ferrer, preconizador do Ensino Racional. Outras associações dos trabalhadores mantinham, igualmente, escolas, como é o caso do Sindicatos dos Trabalhadores do Porto que em 1921 abrigava a Escola Proletária, funcionando à noite e que contava com frequência inicial de 28 alunos.

<sup>32</sup> *A Voz do Graphico*, ano I, nº 6, 06/03/1921. Fortaleza.

## RESUMO

*A educação como prática anarquista, nas primeiras décadas do século XX, no Brasil, possui características próprias que a distinguem da educação limitada à escolarização hoje oferecida, de maneira impositiva, pelo Estado. Os anarquistas brasileiros fizeram da educação um complexo que envolvia escolas, imprensa, propaganda, atos de protesto, bibliotecas populares, centros operários, além de teatro e outras manifestações artísticas: uma educação independente do Estado e de suas instituições, baseada na autogestão, autoformação e em ações livres de leis e de dogmas.*

## ABSTRACT

*The education as anarchist practice, in the first decades of the 20<sup>th</sup> century in Brazil, has specific characteristics that distinguish it from the education that is limited by school parameters and imposed today by the state. Brazilian anarchists have transformed education in a system that involved schools, the press, propaganda, protests, popular libraries, worker's centers, theater and other artistic expressions: an education that is conceived apart from the state and its institutions, based on self governance, on self capacity building and on actions free of laws and dogmas.*